

TEIXEIRA, Joaquim da Silva – *A experiência mística na obra de Dalila Pereira da Costa: Fenomenologia e hermenêutica*. Porto: Cosmorama, 2013. 255 p.

O livro a que se referirá esta recensão constitui uma oportuna publicação de uma tese de licenciatura canónica em teologia redigida por frei Joaquim da Silva Teixeira, o.c.d., presentemente – junho de 2013 – provincial dos Carmelitas Descalços portugueses. Como tema, diz-nos clara e venturosamente o seu título, pretendeu-se apresentar os registos da experiência mística de uma tão singular quão parcamente conhecida e, assim, apreciada escritora portuguesa: Dalila Pereira da Costa (DPdC). Dividido em duas partes, de valor consideravelmente distinto, trata-se de um esforço genuinamente interessante de desbravamento de terreno num horizonte que, lamentavelmente, ainda carece de estudos de firme monta. Estudos, precisamente, como aquele que, realizado por uma pessoa solidamente competente e conhecedora da obra de DPdC, aqui será ponderado nestas palavras.

A sua primeira parte constitui uma, talvez imperfeita, análise fenomenológica das ocorrências vividas, e automencionadas, no decurso da experiência mística de DPdC.

Num primeiro momento, centrado na biografia de DPdC e nos “êxtases” aludidos pela mesma nas suas obras, o Autor procura introduzir, com brevidade, o seu eventual leitor no universo histórico-espiritual daliliano. Tal contexto é, deveras, sempre o fundamento incontornável para qualquer estudo sobre os escritos espirituais e místicos de um autor, e isto uma vez que a espiritualidade é uma realidade essencialmente experiencial e, conseqüentemente, de correlação direta com as coordenadas bioculturais da *persona spiritualis*.

Num segundo momento, é apresentada uma reflexão – não isenta, como veremos, de problemas – sobre, por um lado, alguns elementos tidos, por um Autor aqui norteado pelo parecer de Santiago Guerra Sancho, como característicos da experiência mística cristã, e, por outro e conjuntamente, o modo como os mesmos podem ser encontrados, de um modo mais ou menos diáfano, nas narrações autobiográficas da, assim tida, vivência mística de DPdC.

Dissemos, mais acima, que esta secção “talvez fosse imperfeita”. E dissemo-lo por, pelo menos, três motivos. Em primeiro lugar, porque o Autor, não obstante oscilar na sua opinião, faz uma persistente confusão entre “fenómenos místicos” e “fenómenos (místicos) extraordinários”. De seguida, porque, na sua determinação dos traços da *mystica experientia*, não explica, substancialmente e em nenhum momento, os motivos para ter escolhido a opinião de certos autores – sobretudo o já mencionado Santiago Guerra –, quando, se tivesse optado por diferentes pensadores, outros traços distintos, por vezes dissonantes dos elencados, poderiam ser adotados. Por fim e num traço que perdurará ao longo de toda a obra, na medida em que quase restringe – ainda que, devido à sua vocação pessoal, compreensivelmente – aos dois grandes Reformadores do Carmelo aqueles autores místicos a quem alude para consubstanciar afirmações, suas e (ou) de DPdC, acerca da experiência mística.

Pois bem, estas três realidades comportam respetivamente: um privilegiar, na análise da experiência mística da autora estudada, de situações que, não poucas vezes, surgem como dificilmente aptas para serem tidas como “místicas”; um dar flanco à

interpretação de que a adoção de determinadas obras, discriminadoras de certos traços da vivência mística, visou mais buscar elementos probatórios e justificadores de uma convicção previamente assumida pelo Autor do que buscar averiguadores de uma realidade a ser caracterizada; enfim, um permitir, injustamente e se não se estiver profundamente atento a tudo o que é dito, que se estime o Autor não só como relativamente desconhecedor da mais ampla tradição mística humana e cristã, mas, sobretudo, incapaz de encontrar, nos diversos filões desta tradição, bem mais relevantes pontos de contacto e afastamento face ao patente nos textos de DPdC, os quais, talvez de um modo bem mais proveitoso, teriam iluminado melhor o que é essencialmente característico destes.

Tudo isto, segundo a nossa apreciação, empobrece uma – de resto muito pertinente e bem estruturada – primeira secção desta obra, o que, pela própria natureza primigénia da mesma, condiciona tudo o que lhe segue, motivo pelo qual não voltaremos a referir, na nossa subsequente análise da obra aqui recenseada, aquelas insuficiências que decorrem deste facto.

A segunda parte desta obra, inegavelmente a mais importante para os estudos dalilianos, foca-se numa interpretação, demorada e multifacetada, dos relatos de DPdC que são tidos pelo Autor como testemunhos de uma vivência mística.

Num momento inicial – e com uma vincada inclinação para preocupações de índole filosófica que, em geral, perpassam toda a obra –, o Autor versa sobre os esteios nucleares temáticos que podem ser encontrados nas autodescrições, assumidas por aquele como místicas, de DPdC. Tal empreitada surge plasmada de um modo que requer dois breves reparos. De um lado, é apresentada segundo uma estrutura análoga à que pode ser encontrada em estudos de teologia sistemática – de um belo estudo sobre os modos de conhecimento espiritual aduzidos nos textos da autora analisada até ao apontar para as intuições da mesma sobre a escatologia –, o que, no caso vertente, quiçá seja demasiado forçado face à natureza do pensamento de DPdC. Por outro, é feita com um rigor e profundidade conceptual que pediriam uma maior atenção às estruturas expositivas, que, efetivamente e por vezes, poderiam ter sido mais cuidadas.

Num momento seguinte e mais uma vez aferindo-se – novamente sem verdadeiramente justificar a sua opção – por uma catalogação (em nossa opinião assaz insuficiente) da experiência mística proposta por Santiago Guerra Sancho, o Autor tenta ponderar qual o enquadramento natural da, assim considerada, vivência mística de DPdC. Ainda que reconhecendo o quão artificial pode ser toda e qualquer delineação estrita no âmbito da mística, Joaquim Teixeira opta, com total justiça, por se inclinar para descrever a mesma como uma "mística da unidade a caminho da Trindade".

Por fim, e numa diligência possivelmente motivada pelo desejo de prolongar o estudo, o Autor versa sobre as possíveis pontes de diálogo "ecuménico" – termo a ser tido no seu sentido amplo de "diálogo com o mundo" e não no teologicamente estrito de "diálogo com as distintas tradições cristãs" – entre os escritos dalilianos e as grandes correntes de pensamento, religioso ou não, da humanidade coeva.

Feita esta primeira apresentação do conteúdo da presente obra de Joaquim da Silva Teixeira, passamos, atualmente, a aprofundar um pouco mais a nossa apreciação da mesma.

Àcerca dos aspetos menos felizes da mesma, deve ser dito, logo de início, que tudo o patenteado no texto fica a saber a pouco, talvez devido às limitações metodológicas já antes referidas, bem como, e em particular, o também já mencionado privilegiar

de preocupações filosóficas na abordagem da obra de DPdC. Colocados perante esta opção, o facto é que – embora sendo a espiritualidade justificadamente abordável a partir de distintos âmbitos do saber que dela são inseparáveis (história, sociologia, psicologia, teologia, estudos literários, etc.) –, sendo DPdC uma literata e historiadora da espiritualidade, e não uma filósofa, tal perspectiva analítica impõe duas observações muito sucintas. Primeiramente, a mesma parece ser uma opção relativamente artificial; uma que só não o será totalmente, pois o Orientador da tese que deu origem à presente publicação é um renomado filósofo. Segundamente e sobretudo, a aduzida perspectiva conduz o estudo a carecer de uma abertura de perspectivas que muito o poderiam ter enriquecido.

De seguida, é claro que o estilo e o cuidado postos, quer no concatenamento de ideias, quer na intercalação de citações de obras de DPdC com as reflexões do Autor, poderiam ter sido maiores, e sê-lo-iam, sem dúvida alguma, acaso o texto em apreciação tivesse passado por ulteriores revisões mais atentas. Revisões essas que teriam evitado inexactidões decorrentes, provavelmente, de um esforço possivelmente "apressado" ou "compartido" (com muitas outras solicitações).

Possivelmente conetado com este facto, que se repercute também em repetições textuais dos mesmos parágrafos em distintos locais da obra, surge uma patente vacilação nas afirmações do Autor. Talvez esse facto seja compreensível devido à natureza, sempre fluida e assim incontrolável, de um *objectum mysticum* que é, pelo Autor, tentado delinear a partir do, já de si espargido, registo autonarrativo das vivências mediante as quais DPdC terá contactado com um tal "objeto". Um "objeto" que está, efetiva e incessantemente, a negar a sua natureza de *ob-jectum*.

Mais oneroso parece ser o facto de o Autor, não obstante a sua tentativa de ser generoso com tal denominação, não ter conseguido provar, de acordo com a nossa opinião, que as autonarrativas das vivências espirituais de DPdC permitem afirmar, inequívoca e totalmente, que as mesmas são tipicamente cristãs. De facto, e lendo-se o que o Autor apresenta nesta sua obra, poder-se-ia perfeitamente pensar – sem que isto signifique que assim seja – que DPdC usa os elementos conceptuais e terminológicos provindos do cristianismo apenas devido a ter vivido numa sociedade culturalmente próxima do mesmo. Ou seja, não o fazendo devido à necessidade de deles se servir para, naquilo que é condição essencial para a aduzida qualificação, traduzir uma realidade nuclearmente impossível de ser descrita sem os mesmos.

Apontando agora os elementos mais conseguidos desta obra, é inegável que se trata de um texto genuinamente poderoso – particularmente na sua abrangência temática e inteligência explicativa –, que pode agradar a distintos públicos, sobretudo aos que mais estão familiarizados com (estudos sobre) a mística em geral, e que, em consequência, lograrão mover-se com mais desenvoltura por entre o apresentado, com inegável dedicação, por Joaquim da Silva Teixeira.

É, ainda, fascinante poder deparar-se com as constantes ligações, sempre pertinentes e perspicazes, que o Autor estabelece entre, por um lado, o pensamento da autora por si estudada e, por outro, o mosaico social, religioso e cultural das sociedades da última mudança de século. Neste exato contexto, são de mencionar e de destacar a atenção e a "*intelligence fractale*" com que, não se afastando do que a própria DPdC realiza ao longo da sua obra, tal é feito por Joaquim Teixeira.

Um terceiro elemento muitíssimo honroso nesta obra – trazida a lume pela Universidade Católica Portuguesa (Centro Regional do Porto), com a chancela das

edições Cosmorama, para assinalar o primeiro ano do falecimento de DPdC – é a ousadia, jamais regateada por parte do seu Autor, em adentrar, e dilatar, contextos e linhas de exploração, presentes e futuras, de uma obra literária e espiritual que merece e precisa, com vigor e urgência, ser cada vez mais conhecida.

De facto, e esta é uma derradeira virtualidade deste estudo de Joaquim da Silva Teixeira, o pensamento de DPdC, honestamente tentado delinear pelo Autor a partir das engenhosas autonarrativas das vivências espirituais dalilianas, é de uma relevância e importância tal que não pode, sob pena de não merecermos ser herdeiros espirituais de tamanha riqueza, permanecer tão incógnito e desconhecido como até aos nossos dias. A sua grandeza, quase que comparável ao que da pessoa de DPdC esta obra dá a conhecer, merece uma posteridade imensa. Uma posteridade que este livro de Joaquim da Silva Teixeira, que só se pode esperar que não tarde a tornar-se numa abontória obra de referência, antecipa a passos largos e seguros.

Resta-nos, se ainda necessário fosse, felicitar, com louvor, o Autor de *A experiência mística na obra de Dalila Pereira da Costa* – bem como o Orientador da tese que deu azo à presente publicação e a quem a publicou – por tudo o que nesta é apresentado. Que muitos dela possam beneficiar é o nosso sustentado desejo.

Alexandre Freire Duarte